

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

JÉSSICA FERREIRA DOS SANTOS

**A FELICIDADE COMO FINALIDADE ÉTICA EM
ARISTÓTELES**

JÉSSICA FERREIRA DOS SANTOS

**A FELICIDADE COMO FINALIDADE ÉTICA EM
ARISTÓTELES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura em Filosofia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Cícero Josinaldo da Silva Oliveira.

AMARGOSA – BA

2018

JÉSSICA FERREIRA DOS SANTOS

**A FELICIDADE COMO FINALIDADE ÉTICA EM
ARISTÓTELES**

Este TCC foi apresentado no CFP da UFRB, em Amargosa, BA, no dia 22
de agosto de 2018.

Prof. Dr. CICERO JOSINALDO DA SILVA OLIVEIRA

Prof. Dr. DANIEL RODRIGUES RAMOS

Prof.^a Dr.^a GIOVANA CARMO TEMPLE

Dedico esse trabalho, primeiramente a Deus, que sustentou em mim o seu fôlego de vida, que me deu coragem para persistir durante esses longos anos. Ao meu Pai Gilberto, e minha querida Mãe Rosineide que se empenharam para ajudar-me na realização deste sonho. Aos meus irmãos Gilberto, especialmente Geiza por me dá todo apoio e incentivo; ao meu cunhado Siloel que sempre me motivou a seguir, e a minha filhinha do coração Alice. E a toda minha família, que direta ou indiretamente contribuiu para a realização desta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram aqueles que contribuíram para realização deste trabalho de conclusão do curso, e o início de um sonho a se realizar. Em especial:

Agradeço a Deus, aquele que é condutor da minha vida, que me deu amparo, consolo em todos os momentos que estive aflita, angustiada, temendo não conseguir chegar até aqui...

Agradeço aos meus amados pais, Gilberto e Rosineide, que me deram todo apoio, acalento, dedicação e amor. Eu amo vocês.

Agradeço aos meus irmãos Gilberto filho, e especialmente a minha irmã Geiza, que sempre esteve presente, me dando palavras de motivação, sonhando cada passo desse sonho junto a mim; meu cunhado Siloel que sempre me motivou com suas palavras.

E não poderia deixar de agradecer o presente que a união deles me deu, que foi minha princesa Alice Ela que me faz ser criança na sua companhia, quantas saudades eu sinto quando estamos longe...

Agradeço a meus avós, tios, primas por toda dedicação, preocupação e companheirismo durante esses longos anos da minha vida; quero agradecer especialmente a minha avó Mundinha, que ora pela minha vida e que me acompanha desde meu nascimento, e as outras avós: uma carnal e outra do coração Judite (in memória) e Hildinha (in memória) que em vida sempre dedicavam suas orações pela minha vida; me lembro bem que ao retornar à minha cidade, sempre ia visitá-las, aquela voz doce sempre me diziam “minha filha, se Deus permitir estarei na sua formatura”. Infelizmente não estarão fisicamente, mas ficarão em minha memória. Também agradeço aos meus amigos, em especial Márcia que sempre me ouve e me ajuda. A Jérelci por todas as saídas e momentos de descontração, e minha trupe que me acompanha desde o ensino fundamental I (Dani P. Gundes e Gisa) e a Rose que aguenta todas as minhas loucuras diárias.

Agradeço ainda a todos os professores que preenchem o quadro de discentes do curso de filosofia, que contribuíram para minha formação, em especial o professor Cícero, meu orientador, que me socorreu em meio ao desespero e que teve toda paciência e incentivo para conclusão deste trabalho.

Não posso deixar de mencionar e agradecer meus colegas de curso Rodrigo, Laiane, Carol, Cláudia, Jeane, e Eliziete que é aquela amiga que sempre tem palavras de conforto e alegria...

Quero agradecer em especial a minha amiga de turma, que foi minha companheira de casa; que sempre esteve ao meu lado, mesmo agora morando em outra cidade, sempre fazíamos trabalhos de última hora, mas no final acabava dando tudo certo: Tatiane Ramos, a você agradeço por todo companheirismo, amor.

Agradeço também a Erica e Jaqueline, que também acompanharam de perto um pouco da minha graduação, e não poderia deixar de agradecer “As terríveis” (Manu e Rose), que acompanharam essa etapa final, as minhas noites de insônia, o meu desespero ao ver meu cabelo caindo por conta da ansiedade, as minhas crises de renite, e dentre outras situações.

A todos vocês, o meu muito obrigada! Saibam que cada um tem um lugar especial em minha vida, e que levarei para sempre.

Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E, quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.

Érico Veríssimo

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como desígnio compreender o conceito aristotélico de felicidade enquanto finalidade a ética tendo como base teórica a sua obra intitulada *Ética a Nicômaco*. Enfatizamos a relação entre ética a política sob o ponto de vista da convergência que têm quanto ao estudo das ações e o bem final dentro da pólis. Além disso, destacamos que a compreensão da felicidade como uma atividade da alma conforme a virtude reconhece na amizade uma das principais condições do bem final para o homem.

Palavras – chaves: Felicidade. Virtude. Amizade.

SUMÁRIO:

1- INTRODUÇÃO.....	10
2- ÉTICA NA VISÃO ARISTOTÉLICA.....	12
2.1- Ética e política.....	12
2.2- Atribuições da alma.....	23
2.3- Ética das virtudes.....	28
3- AMIZADE E FELICIDADE.....	32
3.1- Das várias formas de Amizade.....	35
3.2- Três formas de amizade.....	38
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	44

1- INTRODUÇÃO

Comumente desejamos para aqueles que amamos votos de felicidades. E anseia-se o mesmo para si próprio: ser feliz. Mas, é possível ser feliz? Em que compõem esta felicidade? No cotidiano atual, as respostas podem variar de acordo com a concepção de felicidade de cada indivíduo, pois nesse contexto a felicidade têm várias perspectivas. Ao contrário deste aspecto, a felicidade está mais para aquilo que o indivíduo faz de si próprio e menos do que realiza com os seus bens materiais ou triunfos. Percebe-se que na busca pela felicidade sucessivamente os homens dela se apartam

Com o propósito de despertar atenção para o tema, este trabalho busca compreender os fundamentos do conceito de *eudaimonia*, no pensamento aristotélico. Importa salientar a singularidade da tese que sustenta que a felicidade está ancorada nos fins éticos da vida humana. Para isso, tomamos como base a obra *Ética a Nicômaco*.

A ética estudada por Aristóteles é uma ética eudaimonista, isto é, consagrada ao bem final do homem. Deste modo, os homens bons e virtuosos são aqueles cujas ações se dirigem à busca do bem supremo.

Para a reflexão acerca do tema escolhido, fundamentaremos o texto da seguinte forma.

O primeiro capítulo, é uma reinterpretação da ética na visão aristotélica. Sua primeira seção aborda a relação entre ética e política, dando destaque à dependência da primeira com respeito a segunda. Partindo da compreensão aristotélica de que felicidade é antes de tudo um bem da alma, embora suponha bens externos como as próprias qualidades do corpo, a segunda seção tematiza esta dupla constituição humana em articulação com definição aristotélica da atividade própria do homem. Avançando neste tema, damos atenção especial à compreensão, decisiva para a felicidade, de que a virtude ativa do homem supõe a prática constante e prazerosa de ações segundo a virtude e de que duas são suas qualidades essenciais: a constituição como hábito e como mediania. Para a composição deste capítulo percorremos os livros I, II, VI e VII da *Ética a Nicômaco* e o livro I da, *A política*, correlacionando com alguns comentadores.

No segundo capítulo expomos a relação da amizade com a felicidade baseada na ética aristotélica. Na primeira seção tratamos sobre as peculiaridades da amizade na visão aristotélica. Interessou-nos aí principalmente o problema de se é possível o homem ter tantos amigos e como a amizade contribuí para uma vida moral. Na seção seguinte, dedicamo-nos ao exame dos três tipos de amizade com características amáveis que são: amizade por utilidade, amizade por prazer, amizade ideal e perfeita, que para Aristóteles é aquela com princípios virtuosos. Para a estruturação desse capítulo transitamos entre os livros VIII, IX, X da *Ética a Nicômaco*, com suporte de alguns comentadores.

Em resumo, a pretensão deste trabalho, é a de responder questionamentos internos ao próprio texto aristotélico sobre o modo como visamos a felicidade. Desta forma, buscamos explicitar o modo como Aristóteles compreende a felicidade dando atenção especial às virtudes e à amizade.

2. ÉTICA NA VISÃO ARISTOTÉLICA

Comenta-se com frequência sobre agir eticamente, seja no campo profissional, pessoal ou de outra forma. Sustenta-se que devemos ser éticos uns com os outros, dentre outras coisas relacionadas a ética. Mas, de fato, o que é ser ético? A ética é uma ciência? E caso seja, de que ciência ela faz parte? No presente texto usaremos a obra *Ética a Nicômaco* (EN)¹ do autor da Grécia antiga, Aristóteles, com o propósito, de fazer uma reconstrução conceitual da ética e da política, concernindo assim a felicidade ética. Dessa maneira, percorreremos as ciências práticas de Aristóteles, a ética do bom senso, e a especulação do filósofo sobre a criação do Estado, até chegarmos na virtude que é um crucial para tratar a ideia de bem supremo.

2.1 – Ética e política

No nosso cotidiano temos o costume de falar da ética e da política como se fossem coisas distintas, ou que pelo menos, fosse parcialmente relacionada. Mas Kraut (2009, p. 281) diz que, em Aristóteles, só há o domínio político e que este contém a ética. Porém, o filósofo teve o cuidado de defini-las separadamente. De fato, Aristóteles apresenta duas formas de saber que é denominado como ciência prática e teórica. A ciência teórica cuida mais do conhecimento especulativo, que está fragmentado na física, matemática e metafísica.

No que concerne a física. Aristóteles diz que é um tipo de filosofia que tem como indagação a substância sensível. (REALE, 2003). Apesar de o filósofo de Estagira não ter se debruçado tanto sobre as ciências teóricas matemáticas, ele deixou considerações referentes a ela (matemática). Ainda segundo Giovanni Reale, alguns seguidores de Platão consideravam os números matemáticos e objetos matemáticos, como figuras do sensível; o que Aristóteles acha totalmente incabível, pois para ele os objetos matemáticos é algo que existe por potencialidade. Como afirma Reale:

[...] os objetos matemáticos não são entidades reais, mas tampouco algo de irreal. Eles existem "potencialmente" nas coisas sensíveis, sendo que nossa razão os "separa" pela abstração. Assim, eles são

¹ Usarei a sigla (EN), para me referir a obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, utilizada nesse texto.

entes de razão, que, "em ato", só existem em nossa mente, precisamente em virtude de nossa capacidade de abstração, (Ou seja, existem como "separados" somente na e pela mente), enquanto que, "em potência", existem nas coisas como sua propriedade intrínseca. (REALE, 2003, p.210).

Após definirmos a concepção de Aristóteles sobre as ciências teóricas da física e da matemática², nos direcionaremos brevemente para a metafísica³, que o autor apresenta quatro definições. Como descreve Giovanni Reale (2003), a primeira definição é aquela à qual busca estabelecer a causa das coisas, de onde elas provem; a segunda definição é a ciência que concebe o indivíduo enquanto ser, e suas prioridades enquanto ela mesma; a terceira definição é a metafísica como substância, ou seja, a metafísica com fundamentos de substância, pois são esses cernes e as conjunturas que abrange os seres; a última definição, é a elucidação da substância supra sensível, que existe a partir de dois estágios da física, correspondentes ao tempo e ao movimento. Desta forma, Deus é colocado aqui como motor imóvel, pois move o mundo pela atração, pois é o único ato puro, existindo enquanto pensamento, e não enquanto matéria.

Indicadas algumas características das chamadas “ciências teóricas”, nos direcionaremos ao outro ramo aristotélico do conhecimento que concerne às ciências práticas. Estas têm como objetivo as ações humanas. As ciências práticas supõem o intelecto para ações nos domínios da ética e da política. Segundo Reale (2003) a ética dá conta do estudo do comportamento e do fim do homem como indivíduo; já a política trata do estudo da conduta e da finalidade do homem enquanto membro de uma sociedade. Portanto, o filósofo estagirita, tem a política como a ciência maior, porque visa o bem viver de todos, podendo assim determinar a comunidade como cidade ou comunidade política.

A ciência tratada na *EN*, é a ética do bom senso, que procura levar em consideração o juízo moral do homem, que necessita ser baseado na excelência e na virtude práticas. A ética tem a função de orientar a configuração do caráter do indivíduo, e é através do agir humano, que o indivíduo expressa seu caráter (SPINELLI, 2014). Além disso, durante toda nossa existência tendemos a praticar

² Definições baseadas no livro de Giovanni Reale, História da filosofia antiga (Filosofia pagã antiga) v. I.

³ Vem do grego μετα (metà), com tradução daquilo que está além, e Φυσις (physis), com tradução física.

impulsos que nos levam a atos irracionais que podem ser controlados pela razão. Assim, a convivência social exige um controle de nossas paixões e apetites para a autopreservação dos indivíduos no meio social.

No que tange à política, Kraut (2009) diz que o objetivo dela é o bem humano, ou seja, ela tem o propósito de garantir o bem do indivíduo, com intuito de que todos vivam socialmente cooperando um com o outro, evitando assim confusões e confrontos, ou seja, que os indivíduos vivam virtuosamente. Contudo, podemos questionar: como a política pode assegurar que comportamento dos homens sejam virtuosos? Aristóteles sustenta que a constituição do Estado foi necessária, pois isso, seria a forma de garantia que ele (o Estado) teria para garantir o cumprimento desse objetivo.

Desta forma, voltaremos-nos para *A política* de Aristóteles e nos deteremos à reconstrução da origem do Estado para entender de que forma, segundo o autor, o homem ingressou nas normas estatais. Isso nos dará mais condições para entender o pensamento ético de Aristóteles.

Durante toda nossa trajetória escolar aprendemos que o homem é um animal semelhante aos outros animais, mas o que o difere é a sua capacidade de raciocínio, pois os outros animais agem por instinto. Segundo Aristóteles (2009, p. 146) o homem é por natureza, um animal político que por meio do intelecto tem a capacidade de distinção entre o justo e o injusto; o bem e o mal; a virtude e o vício, dentre outros. Nestes termos, Aristóteles sustenta que o homem, e seu estágio final, supõe o desenvolvimento da cidade.

A natureza determina que o homem não é um ser isolado; por isso criou de princípio a família para satisfazer as necessidades do homem. A filosofia política de Aristóteles é um testemunho de que na Grécia de seu tempo as famílias eram comandadas pelos homens mais velhos da casa, e de que a família era um complemento do homem (ARISTÓTELES, 2009). Segundo Aristóteles, ao passar dos tempos as famílias foram aumentando, então por conveniência surgiu a primeira sociedade denominada aldeia.

Desta forma, o filósofo de Estagira sustenta que as formas de sociedade baseadas no modelo familiar, como a própria família e aldeia, tiveram historicamente como forma de governo monárquico. A monarquia e a forma constitucional de autoridade política que se assemelha aos poderes que o chefe de família exerce sobre

os filhos, a mulher, e os escravos. Como diz Aristóteles: “[...] o poder, numa família, é monárquico porque em casa há uma só autoridade”. (ARISTÓTELES, 2009, p.153).

Na teoria aristotélica, uma vez que foi criada a cidade-Estado, nasce com ela também o propósito de assegurar o bem-viver do indivíduo. Por certo, Aristóteles, quando se refere a família ou aldeia está se direcionando a vida organizada em torno das satisfações das necessidades e das demandas econômicas do homem. Ao passo que a cidade é a forma final e mais perfeita da vida comum, desta maneira, concerne à vida consagrada à liberdade, à virtude, à eudaimonia. Destarte, o homem tem um instinto que o motiva a viver em sociedade; mas a fim de que isso seja possível, existe uma necessidade de organização que pondere sobre o indivíduo no intuito de inibir seus instintos. É através da lei do Estado implantada pela justiça que o homem controla seu agir mediado pelo instinto e passa agir pela determinação prática da razão. Como expõe Aristóteles:

Um instinto social é implantado pela natureza em todos os homens, e aquele que primeiro fundou o Estado foi o maior dos benfeitores. Isso porque o homem, quando perfeito, é o melhor dos animais; porém, quando apartado da lei e da justiça, é o pior de todos. (ARISTÓTELES, 2009, p.147).

Diante disto, percebemos que a sociedade política tem a ordem como princípio base para determinar aquilo que é justo. Pois, o homem enquanto indivíduo social que cumpri as leis, é justo e bom; mas se supostamente fosse um homem distanciado da lei, ele poderia ser considerado um perigo para sociedade, porque ao mesmo tempo que pode praticar o bem, pode se desviar para as práticas do mal.

Também na *EN*, no livro V, Aristóteles expõe sua compreensão da justiça e da injustiça. O filósofo de Estagira diz que:

[...] todos entendem por justiça aquela disposição moral que torna os indivíduos aptos a realizar atos justos e que os faz agir justamente e desejar o que é justo, e analogamente, por injustiça aquela disposição que leva os indivíduos a agir injustamente e desejar o que é injusto. (ARISTÓTELES, 2013, p.146).

Ao analisar o delineamento sobre a justiça e a injustiça na obra *EN*, podemos conceber a definição do justo como aquele que, no contexto do que Aristóteles reconhece como uma forma “reta de governo”, obedece às leis em favor da sociedade na garantia de estar fazendo um bem coletivo, garantido assim o exercício de uma

virtude indispensável à felicidade. Já o injusto desenvolve ações que prejudicam a si e a sociedade.

Por conseguinte, o Estado tem prioridade sobre o indivíduo, pois na teoria aristotélica a cidade antecede o homem, pois o todo precede a parte e o sujeito precisa viver em comunidade para se satisfazer e atingir a autossuficiência ou o bem final. Porquanto, o homem tem instintos que o motiva a viver em sociedade, e caso, proponha-se a viver longe do âmbito social, por acreditar que seja autossuficiente para si mesmo, estará caindo em uma ideia ilusória, já que para serem supridas, suas necessidades vitais e ontológicas carecem do outro. Um exemplo bem clichê é o bater palmas: você não consegue bater apenas com uma mão, você precisa da outra para produzir este som. Assim segundo a concepção aristotélica, nós enquanto indivíduos dos âmbitos sociais e políticos; precisamos da sociedade para bem garantir o nosso viver e precisamos do Estado para garantir o nosso bem viver. O filósofo, nos esclarece isso com a seguinte passagem da obra *A política*:

A prova de que o Estado é uma criação da natureza e tem prioridade sobre o indivíduo é que o indivíduo, quando isolado, não é auto-suficiente; no entanto, ele é como parte relacionada com o conjunto. Mas aquele que for incapaz de viver em sociedade, ou que não tiver necessidade disso por ser auto-suficiente, será uma besta ou um deus, não uma parte do Estado. (ARISTÓTELES, 2009, p.147)

Até aqui, restamos a teoria de Aristóteles acerca da origem do Estado. A cidade, que implica a superação das formas organizacionais da família e da aldeia, tem para o filósofo um grau elevado de importância para a plenitude do indivíduo na comunidade, pois Aristóteles sustenta ser a forma mais perfeita de associação enquanto possibilita ao homem um tipo qualificado e estritamente humano de existência em comum que ele chama de “bem viver” ou “boa vida”. Na sequência, sempre atentando para a importância da cidade, faremos a análise das ações do indivíduo enquanto virtuosas para compreendermos a concepção de *eudaimonia*⁴ desenvolvida por Aristóteles.

Inicialmente, é preciso compreender que o pensamento ético-político Aristóteles atenta para a forma como indivíduo foi educado, sobretudo o discernimento para opinar de forma correta sobre determinado assunto. Ora, falar qualquer coisa

⁴ *Eudaimonia* é um termo grego, que é traduzido em algumas obras, como por exemplo no livro *A ética a Nicômaco*, de Richard Kraut (2009), como concepção de bem viver.

sobre algum assunto “todo mundo fala”, mas para julgar com relevância só aquele que tem conhecimento sobre o determinado assunto proposto.

Segundo afirma Spinelli (2010), Aristóteles mantém que para julgar de forma correta em Ética, é necessário ter experiência nos conteúdos que envolvem a ação. E, além disso, experiências requerem tempo. Sendo assim, o autor acredita que um jovem que não tenha vivido tempo suficiente tende a não ter condições para julgar os assuntos que envolvem a política, pois pouco tempo de vida, impede que ele tenha passado por várias experiências. Além disso, o jovem possui paixões, que podem conduzi-lo na prática de cada ação a visar apenas o próprio ato, e deixar de lado o conhecimento que somente a prática pode oferecer.

Mas Aristóteles adverte que no tocante ao homem experiente não basta apenas a idade, mas a maturidade. Ora, o que vai definir o caráter do indivíduo, não é a sua idade, mas o direcionamento com que ele conduz a sua vida. Visto que o homem maduro é isento dos excessos, porque direciona a sua vida não somente ao que é útil, mas também ao que é nobre nas ações, Aristóteles o considera mais capacitado de julgar corretamente as coisas. Vale ressaltar aqui, que não só os jovens se inclinam para suas paixões, como há também homens velhos que agem inclinando-se para elas. Esses homens, apesar da idade, são indivíduos imaturos. Desta maneira, a maturidade ou imaturidade do caráter é definida pelo modo de viver do indivíduo; direção para qual a sua vida está caminhando. O caráter maduro caminha em sentido ao que é útil ao bem humano, seguindo as lições ético-políticas. Já, o imaturo vai seguir o caminho das paixões e não vai dar importância ao que é benéfico. É o que diz Spinelli (2010) ao trazer a relação de três grupos: O primeiro é o grupo de jovens de idade; o segundo é o grupo dos que seguem suas paixões; e o terceiro são os “acráticos”.

Por conseguinte, os indivíduos situados no primeiro e no segundo grupos não conseguem perceber os extremos de suas ações condicionadas à realização de seus desejos, nem tampouco se ocupam a refletir sobre as consequências que podem ser geradas a partir de suas ações. No terceiro grupo estão as pessoas que refletem sobre seus atos, mesmo que não conseguem deixar de fazer o que reconhecem ser um mal. Essas pessoas, Aristóteles chama de “acráticas”, pois mesmo tendo a consciência de que suas ações são ruins ou causam de algum mal, não conseguem controlar os seus desejos e acabam cedendo às suas vontades.

Como nos lembra Spinelli, Aristóteles reconhece um papel fundamental à educação no que diz respeito à disposição para o bem do homem: “O que Aristóteles nos diz é que os bem-educados são os que possuem [...] experiência nas boas ações – a educação nos bons hábitos – o que é necessário para seguir com proveito as lições políticas.” (SPINELLI, 2014, p. 202).

Por tanto, Spinelli nos instiga a entender a investigação de Aristóteles na *EN* e qual o seu objetivo. Assim, afirma Spinelli (2014) que “A principal pergunta que a *EN* busca responder é “qual a melhor vida para um ser humano levar? Ou usando termos aristotélicos mais explícitos, “O que é bem supremo para o ser humano?” (SPINELLI, 2014, p. 198). O autor procura responder as questões apresentadas acima e tem o objetivo de ensinar que não se deve descartar os argumentos contrários à sua posição, mas sim deve-se refletir acerca do seu posicionamento e da opinião contrária dos outros, e decidir qual o melhor, qual o mais certo.

Falamos até aqui sobre o caráter do indivíduo, acerca do julgamento na perspectiva do bem ou mal-educado, mas como podemos identificar na sua ação? Como saber em que se constitui essa educação segundo Aristóteles? Referente ao bem-educado, é aquele que tem suas ações com estruturadas em função da virtude. Já o mal-educado é aquele que segue toda a sua paixão e convicção irracional, ou seja, busca apenas satisfazer seu desejo sem pensar o que realmente é bom para ele, ou quando avalia adequadamente o bem acaba cedendo a sua vontade, sendo assim é inútil o conhecimento ético para ele.

A exemplo do que diz Spinelli (2014), argumentos autocríticos são sinais de uma boa educação, ou seja, a consideração de outras posições e o confronto crítico aos valores que o indivíduo possui. O mal-educado não leva em consideração que é necessário à reavaliação daquilo que acredita ser o certo, aquilo que ele crer como verdade. O bom aluno, ao buscar ser um humano melhor, interessa-se pela compreensão das condições que tornam uma pessoa virtuosa.

Desta forma, o estudo da ética é a condição para o bem educar. Para educar no intuito de que o indivíduo tenha a virtude como algo desejável, procurando assim buscar os caminhos que conduzirão a uma vida virtuosa e feliz. Observa-se que, no decorrer de cada ação, sempre nos deparamos com situações que levam a determinadas escolhas, e essas alternativas visam algum bem. Cada ação tem um fim, e esse fim tem valor que equivalem a ele mesmo, pois, a concepção de Aristóteles sobre o bem das coisas, é que todas as coisas conduzem-nos para um bem, e que o

fim⁵ ao qual visamos é o bem respectivo. Quer dizer, o arremate de cada ação dirigir-se ao bem final.

Aristóteles sustenta que embora exista uma variedade de bens, há um bem que é final e soberano e que não precisa de um meio ou de nada além de si próprio para existir. Para o filósofo de Estagira, é em função desse bem supremo⁶ que desejamos as demais coisas. Porquanto, o bem final ao qual aspiramos é autossuficiente e a partir dele intencionamos as ações: “Considera-se que toda arte e toda investigação e igualmente todo empreendimento e projeto previamente deliberado colimam algum bem, pelo que se tem dito, com razão, ser o bem a finalidade de todas as coisas.” (ARISTÓTELES, 2013, p. 37)

Esta finalidade última das ações, a qual o autor se refere, apresenta-se de múltiplas formas diferentes, na correlação com as práticas de ações. No livro I da *EN*, está contido dois tipos de ações: as que são ações das artes e ações das ciências. As ações mais desejáveis são aquelas as que são perseguidas por si mesmas. É neste contexto que Aristóteles distingue as ações que são finais e as que são subsidiárias. Por exemplo: a fabricação de armamento subsidia a estratégia cuja finalidade é a vitória, ao passo que a finalidade buscada na medicina é a saúde, que é perseguida como bem final desta ciência. Neste sentido, para o filósofo as finalidades almejadas em nossas ações têm que encontrar um bem final. O que leva a questionar: em que consiste esse bem? Para Aristóteles bem final é a felicidade.⁷

Ao identificarmos o bem como felicidade Aristóteles desenvolver uma análise crítica, no livro I da *EN*, sobre as diferentes concepções que as pessoas de sua época sustentavam a respeito da felicidade. Três são as visões dominantes da felicidade examinadas na *EN*. O primeiro tipo de vida era a que visava o bem em forma de prazer satisfazendo-se em uma vida de gozo, que segundo o filósofo de Estagira, é correlata a uma pessoa “inteiramente vil” (2013, p.42), procurando satisfazer-se em uma vida de luxúrias. A outra espécie de vida é a vida política que almejava o bem em honrarias,

⁵ Fim (τέλος) significa a conclusão de determinada coisa. Para Aristóteles, todas as coisas tendem a um fim ao qual está destinado.

⁶ Bem supremo (Ανώτατο καλό) é aquilo que é soberano, ou seja, que está superior ao desejo do indivíduo. Assim sendo, para Aristóteles o bem supremo está concernente com o alcance da felicidade plena.

⁷ A *Eudaimonia* (εὐδαιμονία) é uma palavra grega, traduzida de modo imperfeito por felicidade; pois a seu significado é muito mais amplo. Há quem traduza também como bem-estar. Para Aristóteles, a *eudaimonia* vai para além de um sentimento, ela concerne com o modo a qual o sujeito feliz conduz sua vida, ou seja, com atividade humana.

pois, sob esta perspectiva, parece ser essa a finalidade da vida política; ser honrado por virtudes. É o que diz Aristóteles (2013, p.43):

[...] o que motiva os homens a buscar a honra parece ser assegurar a si mesmos de seu próprio mérito. Ao menos, procuram ser honrados por homens de discernimento e por pessoas que os conhecem, ou seja, desejam ser honrados no terreno da virtude, do que se evidencia, conseqüentemente, que todos segundo o parecer dos homens de ação, a virtude é um bem maior do que a honra, podendo-se, talvez, em conformidade com isso, supor ser a virtude, em lugar da honra, a finalidade da vida política.

Neste sentido, a honra seria inapropriada para ser o bem, pois a virtude necessita mais de uma concessão dos outros do que um predicado próprio do agente. Destarte, a felicidade nesse sentido, parece estar não no logro de quem age, mas depende unicamente de quem julga a ação e outorga honrarias.

Semelhante a esta vida, está a vida de riquezas, que o Estagirita sustenta ser uma vida desprovida de finalidade, pois leva o indivíduo a buscar felicidade no acúmulo de dinheiro. Por conseguinte, o autor afirma que essas pessoas têm como finalidade aquilo que é meio para vida, a saber, o dinheiro.

Desta forma Aristóteles (2013, p.40) afirma que as pessoas que incorporam tal ideia de bem em suas vidas, são pessoas ordinárias. Como o indivíduo sempre sente falta de algo na vida em decorrência de necessidades, é como se julgasse que o preenchimento circunstancial dessas coisas fosse a felicidade. Como o próprio autor afirma: “Quando ficamos doente, pensa ser a saúde a felicidade; quando é pobre, julga ser a riqueza a felicidade.” (ARISTÓTELES, 2013, p.40). Nunca estamos realmente satisfeitos.

Por conseguinte, Aristóteles faz uma crítica à ideia de bem universal, pois o “bem em si”, transcendente, não parece ser algo que possa atingir pela ação humana. (2013, p. 44). Deste modo, fica claro que é improvável pensar o bem como algo universal, pois classificamos em variadas categorias. Assim nos indica o filósofo de Estagira:

[...] a palavra bom é usada em tantos sentidos quanto a palavra é, pois podemos predicar o bom na categoria da substância, por exemplo com referência a Deus ou a inteligência; naquela da qualidade; as excelências; naquela da quantidade: moderada; naquela da relação: útil; naquela do tempo: uma oportunidade favorável; naquele do lugar: um adequado habitat, e assim por diante. (ARISTÓTELES, 2013, p.44)

Desta forma, fica evidente que por aquelas concepções cada indivíduo tende a compreender o bem segundo o aprazível àquilo que lhe falta em cada circunstância. Em oposição, o autor defende que existe há duas formas distintas de consideração do bem: “[...] coisas boas em si mesma; e coisas boas como um meio para essas primeiras.” (2013, p. 45). Deste modo, as coisas boas são originam-se do bem, ou cooperam para a realização deste bem. Toda ação deriva de uma escolha, e para que se faça uma boa escolha é preciso uma conduta baseada em virtudes.

A virtude é a qualidade da conduta que supõe a realização de boas escolhas. Porém, evidente que nem todas as paixões e ações corrobora com observância da mediana, por exemplo: “impudência, a inveja e, entre outras ações, o adultério, o roubo e o homicídio”. (2013, p.78), pois estas são ações más em si mesmas. Ao tratar de um fato particular da mediana, Aristóteles (2013, p.79), afirma por exemplo: no que diz respeito a dar e obter dinheiro, o homem escolhe a quem dá dinheiro, na hora que lhe acha propício, por vez, uma hora escolhe a generosidade e por outra escolhe a mesquinhez.

Levando em consideração todos estes argumentos, ao fazer análise crítica destas formas de vida, supostamente equivalentes à felicidade, Aristóteles rejeita todas elas, porque a felicidade para ele identifica-se antes de tudo com um bem completo, que esteja fundamentado na virtude compreendida como na função própria ao homem. Além disso, segundo o estagirita, de todas essas formas de vida nenhuma evidencia uma felicidade que perdure por muito tempo, e que seja de fato algo que complete o indivíduo. O filósofo de Estagira coloca de lado todas essas formas de vida e defende a tese de que a felicidade para o homem depende de uma vivência de acordo com sua própria natureza, cuja a medida é dada pela função racional da alma.

Assim, a função própria do homem, segundo Aristóteles, tem por objetivo desempenhar de forma prática e excelente aquilo que lhe é peculiar. Como afirma o filósofo:

[...] é possível que possamos a ela [felicidade] chegar se determinarmos a função do ser humano, posto que se pensa que a excelência ou eficiência de um flautista, de um escultor ou de um artesão de qualquer tipo e, em geral de quem quer que tenha alguma função ou ocupação a desempenhar, reside nessa função; e por analogia, é possível sustentar-se que o bem humano reside na função humana, no caso de o ser humano ter uma função. (2013, p. 49)

Para chegar à determinação da função própria ao homem, o autor, num primeiro movimento negativo, exclui tudo que os homens compartilham com outros viventes. Daí que descarte a “atividade vital da nutrição e crescimento” (2013, p.50), desenvolvida por animais e plantas. Destarte o filósofo de Estagira analisa a vida ativa da parte racional da alma, ou seja, a parte da razão prática, que se refere ao modo como indivíduo age. Desta forma, o autor nos leva a reflexão sobre a visão de boa vida a qual o homem visa e qual a função humana?

[...] a função do ser humano é o exercício ativo das faculdades da alma em conformidade com o princípio racional ou, aconteça o que acontecer, não dissociativamente do princípio racional, e se reconhecemos a função de um indivíduo e de um bom indivíduo pertence a mesma classe (por exemplo, um harpista e um bom harpista e assim, em geral, relativamente a todas as classes). (ARISTÓTELES, 2013, p. 50)

Ao utilizar o exemplo do harpista, o autor quer dizer que a função do ser humano é aquilo que ele está naturalmente disposto a fazer. Se, portanto, a função do harpista é tocar harpa, aquele que é considerado um bom harpista deve executar essa função com excelência. A partir desse argumento, Aristóteles (2013) conclui que a função humana da racionalidade é exercício ativo das faculdades da alma humana em consonância com a virtude perfeita, tendo como meta realizar a sua função com excelência. Além disso, a experiência é uma grande aliada para que o indivíduo consiga realizar sua função de forma perfeita. Pois de acordo com Aristóteles (2013, p. 50), “[...] uma andorinha não faz verão, nem produz um belo dia; e analogamente, um dia ou um efêmero período de felicidade não torna alguém excelsamente abençoado e feliz.”

Sendo assim, para Aristóteles a felicidade decorre de uma vida que desempenhe a função própria do homem, pois ele considera a felicidade como algo completo (bem final), já que sempre que a buscamos é por ela mesma e não em vista de algo mais. Enquanto as outras coisas procuramos na intenção de garantir a felicidade, como por exemplo as honrarias, os prazeres, as formas de adquirir conhecimento e as virtudes. Mas, não usamos a felicidade para buscar algo. Desta forma, o autor considera a felicidade como algo completo, mas é preciso que investiguemos a natureza das atividades virtuosas, aquelas que nos possibilitam a felicidade.

2.2- Atribuições da alma

Ao tratar da concepção de bem e da felicidade completa na vida do indivíduo a partir do pensamento aristotélico, é necessário que tratemos sobre a composição do homem enquanto corpo e alma, levando em consideração os aspectos mencionados acima segundo os quais toda ação tem uma finalidade, mesmo que nem todas finalidades sejam completas. Ora, para Aristóteles, para que o fim seja completo é preciso que ele seja final, isto é, que esteja além da cadeia de meios e fins que articula as ações. Desta forma, ao considerar a felicidade completa como este fim, é necessário que se tente chegar a uma definição da felicidade assim compreendida.

Segundo o pensamento de Aristóteles, a felicidade como bem final do homem é o bem perfeito que pode ser atingido pela ação. Este bem é autossuficiente enquanto tem a capacidade de completar o indivíduo de forma absoluta. Mas existe um problema: os indivíduos pesam de forma diferente, e desta maneira a felicidade é definida por cada indivíduo de um jeito. Assim sendo, é preciso encontrar, de forma objetiva, um critério para o definir o tipo de atividade do homem que dará condições de ser feliz. Neste sentido que Aristóteles se incumbiu de recuperar a atividade⁸ própria do homem que ele identifica com atividade racional.

Segundo Nodari (1997), Aristóteles tinha uma inquietude a respeito sobre como o homem encontraria a felicidade. Pois, a saber, os homens anseiam pela felicidade, mas nem sempre sabem busca-las. O autor sustenta a ideia que “há um princípio e um fim em cada ser e em cada natureza” (1997, p. 389). Deste modo, Aristóteles cria sua própria concepção de moral, agindo assim pela razão. Pois, o seu modo de agir que determinará seu fim. Nos termos de Nodari:

O princípio fundamental é que há uma finalidade no universo. Há em cada ser e em cada natureza um princípio interno de movimento, uma tendência a um fim. Ora, de acordo com Aristóteles, um fim de um ser é determinado por sua forma. Se nós somos, por nossa forma natural seres racionais, então é claro que o fim natural será agir segundo a razão. (1997, p. 389)

Agir pela razão é uma tendência humana, já que somos seres racionais, e isso contribuirá para a finalidade da atividade humana. O filósofo de Estagira sustenta que

⁸ O termo atividade, refere-se a faculdade de agir, mover, fazer. Para Aristóteles a atividade constitui-se na *práxis*. *Práxis* é um termo grego, que significa ação, atividade ou conduta.

a felicidade só se torna possível na medida em que o homem assume a sua condição de ser racional, pois a felicidade decorrer do exercício prático das faculdades humanas que tenha uma vida inteira em conformidade com a razão; elemento decisivo da alma, e da natureza, da função e do bem-estar humano.

O Estagirita desenvolve a sua investigação acerca dos seres do mundo distinguindo-a em dois tipos: “os seres inanimados e sem razão e os seres animados e dotado de razão(homem). [...] os seres animados se diferenciam dos seres inanimados porque possuem um princípio que lhes dá a vida.” (REALE, 2003, p.213). Mas, o que seria esse princípio vital? A alma. A psicologia é parte integrante do pensamento de Aristóteles. Nela está sua concepção acerca do princípio vital. Segundo Reale (2003), algumas faculdades sensitivas estão em ato e outras em potência. Do mesmo modo, o autor frisa que o Estagirita observou que os corpos são apenas matérias sem alma, e que o princípio vital de um corpo está justamente na alma, que é aquela que lhe dá a vida.

É necessário que a alma seja substancia como forma de um corpo físico que tem a vida em potência; mas a substancia como forma é enteléquia (=ato); a alma, portanto, é enteléquia de tal corpo [...] portanto, a alma é enteléquia primeira de um corpo físico que tem a vida em potência.” (MILÃO, 1995, apud REALE, 2003)

Aristóteles concebe o homem nos termos de uma convergência de corpo e alma, na qual o corpo submete-se a alma, sendo que, é diante desse processo que o corpo vai contribuir com a alma para a integralização do indivíduo. Desta forma, o autor defende a tese de que alma possui três estruturas: duas irracionais, alma vegetativa ou nutritiva e a alma sensitiva; e uma racional, alma intelectiva. A princípio, a alma vegetativa é responsável pela parte das atividades biológica (REALE, 2003). Além disso, é responsável pelo sustento da vida (nutrição e crescimento). Aristóteles (2013, p. 63) afirma que “[...] a virtude dessa faculdade parece, por tanto ser comum a todas as coisas animadas e não características do ser humano”. O mesmo descarta o elemento nutritiva dessa parte da alma, porque não apresenta nenhuma característica humana de virtude.

A outra alma é a sensitiva, que faz parte da estrutura irracional, que Nodari (1997) afirma, que a de certo modo ela é se sujeita a parte racional, pois obedece a razão, ao controlar seus desejos. Desta forma, “A faculdade sensitiva é em potência

aquilo que a sensível já é em ato [...] Assim, ela sofre a ação enquanto não for semelhante; mas, depois de sofrê-la, a torna -se semelhante e é como a sensível.” (ARISTÓTELES, 1973, apud REALE, 2003, p. 214). Assim o autor, utiliza da sua metafísica de ato e potência para explicar a função da alma sensitiva, que vai além dos cinco sentidos que já conhecemos: audição, visão, paladar, olfato e tato.

Em todo caso, conforme destacamos acima, o Estagirita considera decisiva a atividade racional da alma, pois está contida a parte de raciocínio do homem, que tem como incumbência o entendimento das coisas subdivididas em necessárias, aquelas que não mudam, as contingências, relativas às ações. Esta dimensão da virtude intelectual tem grande importância para a ética de Aristóteles enquanto envolve a prudência, ou seja, dentre as cinco qualidades⁹ que a alma utiliza para chegar a verdade, está a prudência. A prudência é uma virtude que admite deliberar corretamente a cerca do que é bom para o indivíduo, e desta forma, age de acordo com a escolha.

Assim, sendo a prudência uma virtude do intelecto prático, ela também é um hábito, pois não se nasce prudente, torna-se prudente ao realizar coisas prudentes durante por via das experiências. Sendo assim, o homem que é prudente tem a capacidade para distinguir e escolher o que é bom para si próprio. Aristóteles (2013) defende que a prudência é uma característica racional da verdade, que direciona as ações do indivíduo para as coisas boas e ruins. Assim afirma Nodari (1997, p. 397): “A prudência (sabedoria prática) não é apenas uma regulação das nossas ações, mas ela exprime uma obrigação propriamente dita. A prudência não julga, ela decide. Não conhece simplesmente, ela faz. Ela é, portanto, o princípio da decisão.”

Desta maneira, a prudência consiste em dizer a verdade conforme a ação que será praticada, é ela também que direciona a vida do homem, isto é, através da prudência que o homem toma decisões práticas de cunho racional. Além disso, a prudência também se encaixa nos assuntos do Estado, e é denominada como “ciência legislativa” (EN, 2013), que tem por incumbência exercer um domínio, um controle sobre o Estado. Declara Aristóteles (2013, p. 188):

[...] da prudência, no que se refere ao Estado, aquele tipo que desempenha o papel controlador e diretivo é chamado de ciência legislativa; aquele outro tipo que se ocupa de ocorrências particulares

⁹ Aristóteles no livro VI da obra *EN*, suponha-se que há cinco qualidades que a alma utiliza para chegar a verdade por afirmação ou negação. São elas: “a arte, o conhecimento científico, a prudência (sabedoria prática), a sabedoria filosófica e o entendimento.” (EN, 2013, p.180)

se chama ciência política [...] este último tange à ação e à deliberação (uma vez que uma promulgação parlamentar é uma coisa a ser feita, estando a última etapa no processo deliberativo), razão pela qual são apenas aquelas pessoas que lidam com fatos particulares as consideradas como “participantes da política”, porque são somente elas que executam ações.

No que tange sobre a prudência, é possível perceber que ela não trata apenas das deliberações particulares, mas também do Estado, e para que uma pessoa seja prudente e possa estar em uma ciência legislativa ou poder legislativo, é preciso que ela tenha conhecimento prático, e este conhecimento exige experiência. Em vista dos argumentos apresentados sobre a concepção de prudência como sabedoria da virtude, passaremos para compreensão das virtudes, que são classificadas por Aristóteles em duas categorias, a saber: As virtudes éticas e as virtudes dianóéticas.

As virtudes éticas ou morais decorrem da vida ativa, ou seja, ao configurarmos o hábito de ações nobres articuladas em um modo de vida. Não por acaso, o filósofo Estagirita correlaciona as artes e os ofícios ao aprendizado prático das virtudes. Por exemplo, tocando violão nos tornamos violonistas; planejando prédios e estradas convertem-se em engenheiros; fazendo ações justas, tornamos justos (EN, 2013), e assim sucessivamente. Deste modo, a virtude é um estado habitual que direciona a decisões. Assim sendo, ela é uma justa medida que tem como preceito a moral.

A outra virtude, é as virtudes dianóéticas ou virtude intelectual, que se divide em científica, e calculativa opinativa. A científica tem como objeto a ciência e conhece o que é fundamental e primordial. Sua a virtude é a sabedoria como teórica. Já a calculativa opinativa tem o contingente como objeto, e conhece as coisas que variáveis e modificáveis. No tocante a estes dois domínios da razão a diferença se dá por conta que o primeiro recorre ao pensamento puro e tem a contemplação como fim, e tem como virtude a prudência e sabedoria prática, e o segundo utiliza o desejo para encontrar os meios para alcançar o fim.

Em vista disso, Aristóteles nos convida a pensar a função do ser humano, a partir da sua racionalidade, ou seja, considerar que a função do indivíduo é o “exercício ativo das faculdades da alma” (2013, p. 50), já que a alma é o princípio e a causa de um corpo ativo para o filósofo. É através da alma, que é possível ligar as nossas sensações e conhecimentos, pois o que determina a alma humana é a racionalidade. Segundo Aristóteles, para conhecermos a função do indivíduo, e de um bom indivíduo, é necessário afirmar o seu modo próprio de vida e delinear esse modo

de vida como exercício de certa faculdade e atividade da alma. Naturalmente, o Estagirita sustenta que esta faculdade própria da alma humana é a razão.

O homem ao conseguir maturidade racional, adquire percepção para direcionar suas ações ao campo da virtude, porque a virtude permite a excelência do homem. Afirma Nodari: “[...] A felicidade não consiste propriamente na virtude, mas na atividade da virtude, na vida racional, para a qual a virtude nos dispõe.” (1997, p. 391).

Destarte, a felicidade expressa-se na atividade que está em consonância com a virtude mais excelente de todas que é a sabedoria. Sendo assim, ao definir felicidade como resultado de nossas ações e exercício ativo da função da alma, Aristóteles supõe também a ideia que a finalidade que nos permite a felicidade é o bem da alma e não os bens externos, embora estes exercem uma função instrumental.

No decorrer do nosso dia a dia pensamos que a felicidade está nas conquistas que adquirimos ao longo dos nossos esforços. Mas o ser humano está sempre carente de algo, quanto mais têm, mais quer ter, e isso só lhe traz satisfações momentâneas. Ao contrário, a felicidade de que fala o Estagirita é considerada como algo que dificilmente o indivíduo pode perder. Desta forma, Aristóteles define o homem feliz como alguém que vive bem ou adequadamente.

[...] E se, como dissemos, a vida de um ser humano é determinada por suas atividades, nenhum ser humano que seja bem-aventurado (supremamente feliz) jamais poderá se tornar infeliz, pois nunca praticará ações odiosas ou vis, uma vez que sustentamos que o homem verdadeiramente bom e sábio enfrentará tudo que a sorte lhe reservar numa postura decente. (2013, p. 58).

De todo modo, Aristóteles registra que o indivíduo que pratica o bem não é o tempo todo feliz; que na sua vida há também momentos de tristeza, porém a forma como ele reage à determinadas circunstâncias não o torna infeliz. Além disso, Aristóteles insiste que sendo o prazer uma experiência da alma, ao desenvolver alguma ação que se conforma com a virtude, o homem só terá prazer em fazê-la se amar a virtude. Para filósofo grego, o decisivo laço entre o exercício da virtude e o prazer só pode ser estabelecido na alma pelo trabalho de uma boa educação; uma educação que desde a infância desenvolva o hábito de ações virtuosas

2.3- Ética das virtudes

Dissemos acima que na teoria aristotélica da consta as virtudes morais surgem através do hábito, pois o indivíduo não nasce virtuoso, mas torna-se virtuoso, deste modo, a virtude passa a ser engendrada em nós a partir da educação baseada em hábitos. Afirmo assim, Spinelli:

Durante uma discussão sobre como agir, qual o melhor modo de viver etc. Alguém que conduz a sua vida visando prazeres e fugindo das dores, por escolha deliberada ou não, dificilmente se posicionará de forma crítica diante das suas próprias concepções e crenças. [...] já a boa educação mantém aquilo que podemos chamar de “mente aberta”, permitindo que o julgue livremente acerca daquilo que se apresenta a ele. (SPINELLI, 2014, p. 207).

Na citação acima fica claro que aquele teve uma vida baseada nas virtudes, aceita com mais facilidade as opiniões diversas a dele, e reflete sobre o que foi dito no confronto com aquilo que se tem como verdade. Tal é o sentido de colocar as coisas numa “balança”¹⁰. Pois é próprio do homem ponderado considerar a pertinência de outras posições.

Spinelli (2014) afirma que o homem que encaminha sua vida, visando prazeres e fugindo das dores é um homem imaturo; não consegue aceitar com facilidade a opinião que vai de contra a sua, nem muito menos consegue refletir sobre suas próprias crenças, conduzindo-se assim a vida em um mundo fechado, sem possibilidades para novas coisas.

No livro II da *Ética a Nicômaco* quando Aristóteles está a examinar a natureza da virtude moral, atesta logo que ela é constituída (e até mesmo destruída) pelos hábitos que desenvolvemos ao longo da vida. Como dito acima, a virtude é algo que adquirimos pelo hábito, quanto mais praticamos a virtude mais nos tornamos aptos a praticá-la, ou seja, nos tornamos virtuosos ao realizarmos atos de virtude na relação com aqueles com os quais convivemos. Daí que, como afirma Aristóteles:

É através da participação em transações com nossos semelhantes que alguns de nós se tornam justos e outros, injustos; através da ação em situações arriscadas e ao formar o hábito do [sentimento] do medo

¹⁰ Expressão usada popularmente para indicar que o indivíduo coloca em análise as suas opiniões e a opiniões dos outros para ver qual faz mais sentido.

ou [aquele] da autoconfiança que nos tornamos corajosos ou covardes.” (ARISTÓTELES, 2013, p. 68)

Em vista disso, somos nós que controlamos os nossos sentimentos e pela forma como enfrentamos os desafios propostos pela vida que define se somos corajosos ou covardes. Pois o medo pode nos tornar falhos, nos desmotivando a seguir, já a autoconfiança nos dá base para irmos longe, nos dando coragem a arriscar e persistir. Assim sendo, é através do hábito de nossas ações que nos tornamos uma coisa ou outra, não nascemos bons ou maus, nos tornamos ao decorrer das nossas condutas.

Aristóteles sustenta ainda que, em última análise, a virtude moral diz respeito ao prazer e à dor. É a partir destas sensações que caracterizamos nossas ações e paixões, ou seja, é na busca do prazer que nós entregamos por vezes aos vícios, conduzindo-nos a dor. Assim, Aristóteles nos diz no livro II da *EN* que nossas ações dependem dos motivos que nos leva a escolher ou a evitar determinadas sensações. Posto isso, o filósofo de Estagira nos apresenta os motivos de escolha que são: o saber, o nobre e o útil; e os motivos de evitar que são: o vil, o nocivo e o doloroso. (ARISTÓTELES, 2013).

[...] é mais difícil lutar contra o prazer do que com a ira [...] o prazer e a dor, despontam necessariamente como principal preocupação da virtude, bem como da ciência política, visto que aquele que pessoalmente deles se serve corretamente será bom e aquele que o fizer incorretamente, mau. (2013, p.72).

Geralmente, as ações virtuosas tendem a apoiar-se em estímulos, afetos, entre outros sentimentos que, por sua vez podem levar à falta ou excesso do que convém. O excesso e a falta são dois vícios prejudiciais ao indivíduo, e para que haja virtude é necessário que se tenha equilíbrio. Por exemplo, as virtudes como a temperança e a coragem, se as destruirmos em função em exagero, tornamo-nos depravados, relaxados e imorais; já aqueles que se habituem a agir na direção do extremo oposto, privando-se inteiramente dos deleites, torna-se apáticos. Do mesmo modo, é a coragem, se o indivíduo se excede na autoconfiança é audacioso, já aquele que carece de autoconfiança é considerado receoso.

Disso, Aristóteles concluir que as virtudes são destruídas pelo excesso e pela falta, e o que resguarda o meio-termo dos excessos constitui o equilíbrio e a virtude

nas ações. Assim sendo, Aristóteles deixa explícito que as virtudes envolvem o meio-termo das paixões e das ações, enquanto excesso e a falta nos remetem ao vício.

Porém, o autor deixa evidente que algumas ações ou paixões não dependem de um excesso ou deficiência pois são más e si mesmas. Por exemplo, “o adultério, o roubo ou homicídio” (2013, p.78). A virtude moral se caracteriza como mediania, porque tem como finalidade atingir a zona mediana das nossas paixões e ações; assim os vícios são marcados como erros, e a virtude como êxito. (2013, p.77).

Daí que o filósofo sustenta que temos muito mais chance de cometer erros, e apenas uma única forma de acertar, pois em se tratando da virtude, nem sempre sabemos quando é a hora certa, e a pessoa certa, o momento e ponto certo a nos direcionar.

Destarte, a virtude moral estrutura-se apenas como uma prática cotidiana um hábito. Sua qualidade fundamental é justa medida das ações e das paixões, de forma a evitar o vício e a má conduta. Além disso, uma vida baseada na virtude moral, deve ser extremamente prazeroso a sua prática, pois o homem ao executar um ato virtuoso naturalmente sente-se maravilhado ao realiza-lo. Do mesmo modo, aquele que não agi com prazer, não é considerado justo, pois estaria praticando um ato virtuoso sem vontade. Afirma Aristóteles:

[...] as coisas naturalmente prazerosas são prazerosas aos amantes bem como do que é nobre e, assim, são sempre ações conforme à virtude, de modo que são prazerosas essencialmente bem como prazerosas aos amantes do que é nobre. [...] o homem que não experimenta prazer na prática de ações nobres não é, em absoluto, um bom homem. Ninguém chamaria de justo a um homem que não gostasse de agir com justiça, nem de generoso se não gostasse de praticar ações generosas e, do mesmo modo, no que se refere às demais virtudes. E se é assim, as ações que se conformam à virtude devem ser essencialmente prazerosas. (ARISTÓTELES, 2013, p. 53)

O modo pelo qual o indivíduo conduz a sua vida, que definirá o seu caráter. Deste modo, escolhendo agir virtuosamente e sentindo prazer ao realiza-lo, nos tornado assim virtuosos. Porém, ser virtuoso não é algo fácil, é preciso abdicar de alguns prazeres que não são considerados bons, e para isso, precisa-se ser educado na prática de bons hábitos, possibilitando-se assim, a saber, discernimento para correção de suas próprias concepções.

Tendo em vista os aspectos observados até aqui, percebemos que o homem é um ser político por natureza, e por isso, é necessário que o indivíduo viva em sociedade para chegar sua autossuficiência. Deste modo, trataremos no capítulo a seguir, sobre amizade que é considerada por Aristóteles como um complemento para a virtude. Porque o amadurecimento do homem dentro de uma sociedade, é que vai oferecer condições para que o indivíduo entenda o sentido de uma amizade perfeita, que está na reciprocidade e lealdade. Além disso, a amizade é uma das virtudes que compõe a felicidade.

3- AMIZADE E FELICIDADE

Aristóteles procura investigar a finalidade para a qual todas as ações tendem. Vimos que o estagirita sustenta ser esse o bem, já que o mesmo é algo que todos desejam, mas trata-se aí não de um bem intermédio, mas desejável por ele próprio.

[Se] entre as finalidades colimadas por nossas ações, houver uma que desejamos por si mesma, ao passo que desejamos as outras somente por causa dessa, e não elegemos tudo por causa de alguma coisa mais (o que, decerto, resultaria num processo *ad infinitum*, de sorte a tornar todo desejo fútil e vão), está claro que essa uma finalidade última tem que ser o bem e o bem mais excelente. (ARISTÓTELES, 2013, p. 38).

Segundo a concepção aristotélica, a felicidade é algo suficiente e que tem capacidade de completar o indivíduo de forma absoluta. Além disso, a felicidade é considerada uma atividade contínua para que se dirige a vida considerada boa, ou seja, uma vida conforme a virtude. Sendo a felicidade uma atividade da alma conforme a virtude, Nodari (1997) afirma que “o soberano bem é atividade da alma segundo a virtude melhor e mais perfeita, cuja atividade faz nossa felicidade.” (1997, p.397). Ainda segundo o mesmo, Aristóteles tem uma visão de felicidade perfeita, aquela que se compõe através da atividade contemplativa do intelecto, essa atividade contemplativa do intelecto é a felicidade mais perfeita, porque é autossuficiente que tem o fim em si próprio.

[...] a felicidade consiste na atividade de acordo com a virtude, é razoável que seja atividade de acordo com a virtude maior, e esta será a virtude da melhor parte de nós. Se é o intelecto ou alguma coisa mais essa parte ou elemento que se considera ser nosso governante e guia natural e que é capaz de conhecer o que é nobre e divino, ou se é ele próprio também divino, ou apenas a parte relativamente mais divina dentro de nós – é a atividade dessa parte de nós em harmonia com a virtude que lhe é própria que constituirá a perfeita felicidade.” (ARISTÓTELES, 2013, p. 306)

Sendo assim, a filosofia é uma forma de sabedoria que segundo o estagirita é a mais perfeita e agradável das atividades conforme o intelecto especulativo. Pois impulsiona a dizer a verdade e nos leva a atividade de contemplação. Também a contemplação, na visão aristotélica, embora numa perspectiva teórica e não prática

possibilita que o indivíduo dotado de inteligência seja feliz, enquanto desempenhar de outro modo seu papel na atividade própria do homem.

Nas reflexões anteriores, explicitamos a tese de Aristóteles de que o homem para ser virtuoso, precisa ter como hábito a prática das virtudes, além disso, é importante frisar que a felicidade do indivíduo virtuoso só é possível tendo boas práticas com os outros, isto é, tendo práticas boas em meio a sociedade, e não apenas consigo mesmo, por conseguinte, o homem buscará o bem que seja para todos.

Não raramente escutamos hoje muitas pessoas falarem frases como: “não preciso de ninguém”, “sempre fui só, vou morrer só”, dentre outras frases que afirmam que o indivíduo acredita ser autossuficiente para si próprio, por conseguir prazer em possuir coisas boas¹¹. No contraponto a esta perspectiva, Aristóteles tem a amizade em grande consideração em sua teoria moral. (2013, p. 235). Para o estagirita, amizade é uma das virtudes que compõe a felicidade. Daí que para ele a amizade seja um bem correlacionado à ética.

A amizade, para o filósofo de Estagira, é muito importante, pois ela é indispensável ao homem, enquanto constitui uma base, para que pessoas boas por si mesmas, anseiem para outras o mesmo bem que desejam para si própria. Aristóteles considera que o amigo é aquele que escolhemos a partir da sua semelhança similaridade em relação a virtude. Desta forma, a amizade baseada na virtude busca, somente por bondade, bem do outro.

[...] na pobreza ou qualquer infortúnio, [decerto] os homens consideram os amigos seu único recurso. Amigos constituem um auxílio ao jovem a fim de protegê-lo do erro; aos velhos, para deles cuidar e suplementar sua capacidade de ação que lhes falta em sua fraqueza; aos que se acham na acne da vida, para assisti-los nas ações nobres – “quando dois caminham juntos...” , pois dois estão melhor capacitados tanto para planejar quanto para executar.” (ARISTÓTELES, 2013, P. 235)

Desta forma, a amizade estar no caminhar juntos, pois dois é melhor que um, e como diz o ditado “dois pensam melhor que um”. Aristóteles nos conduz a pensar sobre três aspectos da amizade: a benevolência, que é quando ansiamos verdadeiramente pela paz e bem estar do outro (amigo); a reciprocidade, quando pretendemos que exista uma correspondência de valores e sentimentos no vínculo que passamos a ter com o outro indivíduo, ou seja, que ao considerar o outro como

¹¹ Refiro-me aqui a bens materiais, que alguns indivíduos pensam trazer felicidade.

amigo tenhamos reciprocidade no desejar ao outro todo bem que desejamos a nós mesmos.; o bem querer, que é o mesmo bem que deseja para si, deseje para o outro. Neste sentido, para Aristóteles, a amizade para que seja verdadeira, deve ser por vontade própria sem nenhum tipo de interesse, o que na natureza é falho, pois o indivíduo tende a buscar no outro a utilidade. Deste modo, a amizade tem que ser algo de bel-prazer.

Segundo Nadir (2004), quando Aristóteles se refere ao “mútuo” é para definir o amor que existe em um parâmetro de amizade, pois na visão do estagirita o “gozo” da amizade está no amor que existe entre ambos e o que desejam para si, tendo assim o bem querer como finalidade. Caso esse sentimento não venha ser recíproco, chama-se apenas de afeição, pois ele atrair de diferentes formas. De acordo com Aristóteles:

A amizade entre os seres humanos, portanto, requer que estes (a) sintam afeição (boa vontade) recíproca, ou seja, queiram bem um do outro, (b) estejam cientes (reconheçam) da afeição um do outro e (c) a causa ou fundamento de sua afeição tem que ser uma das qualidades amáveis mencionadas acima. (2013, p. 238).

Por conseguinte, amizade tem que ter lealdade e reciprocidade entre ambos, para que possa ser verdadeira. Pois, essa amizade não deve ser considerada como um mero sentimento, não é apenas um “identificar com o outro” ou somente “gostar”; identifica-se mais com o hábito, pois a reciprocidade implica numa escolha, que só se exerce no decorrer da convivência diária. Além disso, é necessário que se reconheça essa reciprocidade.

Assim, o indivíduo busca encontrar no outro aquilo que falta em si mesmo. Ora, o amigo verdadeiro tem o ofício de nos proporcionar coisas que não conseguiríamos sozinho. Porque segundo Aristóteles o amigo é o “segundo eu” (2013, p. 285). Na sua própria natureza o indivíduo já tem a predisposição em viver em um meio social, logo a convivência passa a ser natural. Então neste sentido, o homem confere a sua amizade ao outro que será o seu “outro eu” fora do corpo, designando assim a ser feliz com uma amizade recíproca e verdadeira.

Em síntese, a amizade é considerada por Aristóteles como um complemento para virtude. Porque o homem, como vimos anteriormente, é um ser naturalmente político, o que evidência a necessidade de viver em contato com outras pessoas. O

amadurecimento é quem irá oferecer as condições para que o homem entenda o verdadeiro sentido de uma amizade perfeita, que está na reciprocidade na lealdade.

3.1 Das várias formas de amizade

Atualmente o homem têm carecido de relações afetivas duradoras, devido à grande concentração do individualismo, as relações têm se constituído muito vagamente, o que conduz à efemeridade. Desta forma, aparentemente é mais fácil encontrar amizades por prazer ou por utilidade, do que amizades ideais ou perfeitas.

No livro VIII da *EN*, além das três formas de amizade que o autor apresenta como “amáveis” (trataremos mais a frente), o Estagirista exprime outras formas de amizade que indica sentimentos dissemelhantes. Ademais, denota algumas peculiaridades que pode ocorrer nas relações de amizade nas quais a virtude não é o alicerce.

Aristóteles, trata, primeiramente, das amizades que envolvem uma superioridade entre uma das partes em relação a outra, por exemplo: “pai e filho e, geralmente, entre uma pessoa mais velha e uma mais jovem, aquela entre marido e mulher e aquela entre a pessoa que manda e a que obedece.” (2013, p.247). Apesar de termos nestes casos amizades entre pessoas cujas relações também se exerce algum tipo de autoridade, elas são diferentes entre si. Pois, suas funções e virtudes varia de pessoa para pessoa, e variam em relação ao amor e a razão pelas quais criaram a relação de amizade entre si. Nesta amizade de pai e filho, acontece uma relação no sentido monárquico, pois o pai (autoridade) manda e o filho (por respeito) obedece. Contudo, esta relação pode passar de desigual, para uma relação considerada de sentimento de igualdade. Afirma Aristóteles:

[...] mas amizade entre pais e filhos será duradoura e equitativa quando os filhos prestarem aos pais serviços devidos aos autores de sua própria existência, e os pais aos filhos aqueles devidos à sua própria prole. O afeto conferido e restituído nessas várias amizades desiguais deve também ser proporcional: a melhor das duas partes, por exemplo, ou o mais útil ou que apresente superioridade, conforme o caso, deve receber mais afeto do que o que proporciona, visto que quando o afeto é proporcional ao merecimento [das partes], é produzida uma certa forma de igualdade entre as partes, e se percebe que a igualdade é um elemento essencial da amizade. (ARISTÓTELES, 2013, p. 247)

Outra relação que pode se assemelhar a esta, é a amizade de marido e esposa que é uma relação que Aristóteles considera de tipo aristocrático, semelhante à dos governantes, pois nesse tipo de relação o homem exerce poder nos assuntos do seu interesse. Essa mesma relação pode ser justificada no campo da moral, porque a relação de marido e mulher antes de tudo passa a existir segundo princípio pela necessidade de reprodução, mas pode ser que ao passar dos tempos se crie um laço perfeito de amizade entre ambos.

Outro tipo de amizade apresentada pelo autor, é a relação de amizade entre os irmãos, que ele considera sua existência sob a condição de “timocrática de constituição”. (2013, p. 255): “Análogo à amizade entre irmãos é a existente sob a forma timocrática de constituição, uma vez que o ideal da timocrática é a igualdade e o bem de todos os cidadãos, de maneira que estejam capacitados todos a governar alternadamente.” Desta forma, o poder entres eles é igual.

A amizade entre homens que amam a honra, é a do tipo dos que amam ser cortejados, então recebem mais afeto do que doam. Segundo Aristóteles, “[...] muitíssimos homens apreciam a bajulação, pois um bajulador é um amigo de posição inferior, ou tenciona sê-lo.” (2013, p.248). Tais são aqueles a quem chamamos puxa-saco¹², que honra o outro superior a ele geralmente no interesse de conquistar algo, melhor dizendo, acredita-se que ao lisonjear alguém superior a ele, o outro a ser bajulado pode conceder-lhe o seu desejo.

Tendo reconstruído algumas formas desiguais de amizade, passaremos a tratar de algumas peculiaridades existentes em algumas amizades, como, por exemplo, o rompimento das relações e o tipo de amizade dos homens maus.

Segundo Aristóteles (2013, p. 249), amizade representa uma igualdade e similaridade entre si, principalmente à similaridade conforme a virtude, pois na medida que o indivíduo é verdadeiro consigo mesmo, ele é verdadeiro com seu amigo. Consequentemente, desviam daquelas coisas que direcionam o mal para relação com seu amigo. Antagônicos a isso, são os homens maus, que não conseguem ser verdadeiros consigo mesmos, que dirá com os outros. Essa amizade dura enquanto o prazer de maldade seja recíproco entre eles. É o caso de: “[...] uma amizade entre o homem rico e outro pobre, ou entre um homem ignorante e um instruído, pois uma pessoa deseja alguma coisa que eventualmente não possui estará disposta a dar uma

¹² Expressão popular que se refere àquela pessoa que vive bajulando os outros em busca de conseguir alguma coisa.

outra coisa em troca. (2013, p.250), desta forma, temos um exemplo claro de uma amizade por utilidade, que perdurará enquanto estiver sendo útil.

Uma coisa decorrente das amizades por utilidade são as variadas queixas e recriminações, pois as suas aproximações se dão visando o benefício que o outro pode ofertar. Desta forma, Aristóteles afirma que “os amigos se aproximam e ficam juntos visando o lucro e, assim, cada uma das partes sempre deseja mais vantagem e pensa estar obtendo menos do que aquilo que lhe é devido, e culpa seus parceiros por não obter tudo que deseja.” (ARISTÓTELES, 2013, p. 260).

Na amizade baseada no prazer, não é presumível que isso aconteça, pois se aprecia estar na convivência com outro, e tais pessoas se distanciam quando não mais for agradável. Outro é o caso da amizade baseada na virtude. Nela, segundo Aristóteles, não é demonstrado nenhum tipo de insatisfação que gere queixas, pois o que predomina é o amor entre ambos.

[...] numa amizade baseada na virtude, cada uma das partes anseia por beneficiar a outra, uma vez que é isso que caracteriza a virtude e a amizade; e na medida em que rivalizam entre si em outorgar benefícios e não em obter, não é possível que surjam queixas ou desentendimentos, visto que ninguém se zanga com aquele que o ama e o beneficia, mas, ao contrário, se é uma pessoa de bons sentimentos, retribuirá com préstimos. (ARISTÓTELES, 2013, p. 259)

Destarte, as queixas são consequências de uma amizade que teve início com um propósito e, no meio do caminho, mudou o percurso; ocorrendo assim insatisfação na parte que esperava receber o benefício.

Além dessas peculiaridades, há o rompimento das amizades, que acontece devido a mudança do outro no seu comportamento; se uma pessoa que é considerada boa mudar sua conduta para má, é preciso que se avalie está conduta, se não for passível de regressão por vontade própria, o melhor caminho é se afastar.

“na suposição de termos admitido como amigo alguém na qualidade de uma boa pessoa, e esta torna, ou pensamos que se torna, uma má pessoa [...] deveríamos, então, romper a amizade imediatamente? Talvez não em todos os casos, mas apenas quando nossos amigos tiverem se tornado irrecuperavelmente maus, pois enquanto se mostrarem capazes de se corrigirem, estaremos ainda mais obrigados a ajuda-los moralmente do que obrigados a assisti-los financeiramente, visto que o caráter é algo mais valioso do que a riqueza e tem mais a ver com a amizade.” (ARISTÓTELES, 2013, p. 271)

Apenas na condição de um mal irrecuperável o amigo pode pôr um fim na relação com o outro, sem risco de com isso incorrer numa falta moral. Caso contrário, o erro de um amigo implica o dever de solicitude do outro.

3.2 Três formas de amizade

Examinamos vários tipos mais gerais de amizade e suas peculiaridades. No presente tópico percorreremos aos três tipos de amizades que Aristóteles refere-se em termos de “qualidades amáveis” (2013, p. 238) que são: “amizade da utilidade”; “amizade do prazer”; “amizade ideal e perfeita”. Nesta perspectiva, o filósofo nos esclarece sobre amizade que dura por um momento e amizade que nos acompanhada por várias fases da vida.

Iniciando assim com a amizade fundamentada na utilidade, como o próprio nome já diz, é a amizade útil que geralmente ocorre com assiduidade na velhice, ou até mesmo no ambiente de trabalho. Por exemplo: em uma empresa, um chefe estabelece uma relação de amizade com o funcionário enquanto aquele indivíduo está corroborando com sua empresa. E até mesmo entre colegas de trabalho que demonstram ser “amigo” enquanto o outro pode ofertar ajuda. Esse tipo de amizade é aquela que se coloca à disposição no momento que fornecemos algum tipo de credibilidade, riqueza, poder, honras, entre outras coisas que possam ser favoráveis. Tudo em nome de “um favor” que forneça algo em troca futuramente, o que faz com que essa amizade tenha pouco tempo de durabilidade, pois não há nenhum embasamento que sustente essa amizade. Afirma Aristóteles:

Amizade baseadas na utilidade parecem ocorrer com maior frequência entre os velhos, uma vez que na velhice os homens não buscam prazer, mas vantagens[...] amigos dessa espécie, na verdade, poucos ficam juntos, pois em alguns casos nem se quer agradam um ao outro e, portanto, dispensam as relações amigáveis a não ser que sejam para eles mutuamente lucrativas, uma vez que o prazer que encontram um no outro não vai além de suas expectativas de vantagem. (ARISTÓTELES, 2013, p. 239).

Outro tipo de amizade similar à está amizade é aquela que está ligada ao prazer, que é o companheirismo que tem duração enquanto está fornecendo prazer

ao elo da amizade. Desta forma não se ama o amigo, mas ama-se o que possui de agradável. Por exemplo: com uma pessoa simpática relaciona-se facilmente, pois sua companhia demonstra ser agradável. Desta forma, a relação se baseia no prazer proporcionado pelo outro e não pelo caráter em si. A duração desta amizade é curta, pois ao terminar o prazer, acaba a relação, por insatisfação de uma das partes. De acordo com Aristóteles:

[...] com referência aos jovens o motivo da amizade parece ser o prazer, uma vez que os jovens orientam suas vidas pelas emoções e, majoritariamente, buscam o que é prazeroso para si mesmo e o imediato. E as coisas que os agradam mudam à medida que vão se tornando menos jovens, de modo que, com a mesma rapidez que formam amizades, eles as dissolvem – isso porque suas afeições se alteram em função do que lhe proporciona prazer. (ARISTÓTELES, 2013, p. 239)

Deste modo, é muito comum na adolescência que amizade se construa e desconstrua rapidamente, jovens que se amam em um dia e no outro dia já não se falam mais. Neste caso a amizade muda conforme a necessidade do desejo, as duas amizades acima acontecem eventualmente.

A amizade que o estagirita sustenta ser ideal e perfeita é amizade acontece entre duas pessoas que permeiam a virtude e a bondade entre ambas, pois a mesma tende a enraizar o bem, o que daria uma estrutura para durabilidade dessa relação. Percebe-se uma característica da amizade por prazer, nesse gênero de amizade, quando encontramos um amigo ou quando estamos em sua companhia, pois nos sentimos maravilhados, e podemos passar horas e horas ao seu lado, que não mudará essa sensação. Adverso a isso, estar com pessoas desagradáveis causa desconforto e incômodo. Afirma Aristóteles, “[...] a verdadeira amizade é aquele que tem o prazer como seu fundamento, no qual o mesmo benefício é conferido por ambas as partes e elas apreciam estar juntas ou têm gostos comuns.” (2013, p. 245)

Aristóteles sustenta que a amizade ocasiona o despertar para a virtude e que uma amizade virtuosa não brota de um piscar de olhos, ela precisa de um tempo para que possa vim a ganhar confiança para existir: “[...] a forma perfeita de amizade é aquela entre os indivíduos bons e mutuamente semelhantes em matérias de virtude, isso porque esses amigos desejam igualmente o bem alheio na qualidade de bem e são bons em si mesmos.” (2013, p. 240). Essa forma de amizade não é algo fácil de

encontrar, e fica cada vez mais raro encontrar pessoas que estejam dispostos a ter uma amizade solidificada na virtude. Segundo Aristóteles:

Essas amizades, decerto, são raras pois esses indivíduos são poucos. Que se acresça que demandam tempo e familiaridade; como diz o brocardo, não se pode obter um conhecimento mútuo enquanto não se tiver “comido o sal juntos”, e assim não se pode admitir a amizade de alguém e realmente tornar-se amigo sem que cada um tenha demonstrado ao outro que é digno da amizade e que conquistou a confiança do outro. (ARISTÓTELES, 2013, p. 241).

Esse tipo de amizade é legítima, pois amamos o outro na sua totalidade, ou seja, ama pelo que o outro é, e não pelo que ele tem; desejando para o outro o que deseja para si próprio sem esperar retorno. Pichler (2004, p. 199), diz que encontramos no amigo o segundo eu, pois encontramos no amigo o que nos falta.

Com respeito à possibilidade de ter vários amigos é pouco provável que conseguiríamos ser amigo de todos, pois uma pessoa não consegue vivenciar e compartilhar da alegria e tristezas de tantas pessoas, então é preciso ter um número coerente de amigos, com qual se consiga ser um amigo presente na vida um do outro.

Não é possível ter muitos amigos no sentido estrito e pleno da palavra amizade, da mesma forma que não é possível estar apaixonado por muitos indivíduos simultaneamente (o amor sexual, com efeito, parece ser um estado passional excessivo, de modo que é experimentado naturalmente por uma única pessoa) e não é fácil para a mesma pessoa gostar de (ter afeto por) muitas pessoas de maneira simultânea, [mesmo porque] talvez não seja possível encontrar indivíduos bons em grande número. (ARISTÓTELES, 2013, p. 245)

Desta forma, o homem não precisa de muitos amigos. Na concepção de Aristóteles sendo o amigo bom e virtuoso, já parece válido. O amor que entregamos a um amigo é o mesmo amor que sentimos por nós mesmos. Assim, para que a pessoa seja verdadeira com a outra, ela precisa inicialmente ser verdadeira consigo mesma; amar a si próprio, para amar o seu amigo. Pois, quando a amizade é verdadeira é normal que deseje para o seu amigo, aquilo que deseja para si mesmo.

Aristóteles sustenta a necessidade da amizade baseada na virtude, nas relações interpessoais e na esfera política, pois contribuem para que os sujeitos que operam na esfera pública tenham harmonia na pólis.

Esses sujeitos que atuam na esfera pública têm um número maior de amigos, porém essa amizade é do tipo social e tem como foco os direcionamentos políticos.

Desta forma, os legisladores prezam pela justiça, pois ela é indispensável na amizade baseada na virtude, pois amizade e a justiça são razões importantes para harmonia na Pólis, permitindo assim o bem viver pelo qual prospera a virtude entre os cidadãos para que alcance o objetivo último da vida comum, a saber, a eudaimonia.

Em síntese, Aristóteles apresenta dentre tantas formas de amizade, aquela forma de amizade ideal e perfeita, que é amizade baseada na virtude; amizade com a qual o homem ama seu amigo pelo que ele é, e não pelo que possui. Desta maneira o indivíduo deseja para o outro aquilo que deseja para si próprio, considerando o amigo com um grande bem a possuir, tendo prazer na sua companhia. Segundo Nodari (1997), o homem ao ter uma relação harmoniosa com a pólis abdica de algumas paixões e passa a agir pela razão. Pois é ela (razão) que dará direcionamento para que a conduta do homem esteja voltada para a busca da felicidade de todos da pólis, e perseguindo assim sua própria felicidade.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar na crise contemporânea das relações morais, sobretudo a que envolve a sociedade, não há como ignorar os aspectos discutidos por Aristóteles.

Aristóteles apresenta uma teoria bastante peculiar da ação e da felicidade. A começar com as ciências práticas (ética e política), que buscam compreender as ações humanas, considerando que a política se encarrega de analisar o comportamento e finalidade do indivíduo enquanto componente do âmbito social; e a ética, cuida da conduta e fim do homem enquanto sujeito. Deste modo, o autor considera a política com ciência maior, pois visa o bem de todos.

Para Aristóteles, a felicidade, é vista com um supremo bem, porque é bom em si mesmo, pois a buscamos por ela mesma e não em vista de algo. Além disso, para o estagirista a felicidade está em conformidade com a virtude que está se apresenta de dois modos: a virtude intelectual, está intelecto humano, e procura encontrar o verdadeiro conhecimento. E a virtude moral, que é adquirida pelo hábito, que é dada pela escolha voluntária praticando ações voltadas às virtudes, tal virtude moral que interessa a Aristóteles.

As virtudes morais são adquiridas ao criar o hábito de agir virtuosamente, pois Aristóteles só considera o indivíduo virtuoso quando o mesmo se dispõe sempre em agir com virtude e não aquele que só pratica uma única vez ou às vezes. Além disso, a virtude é um ato mediano para nossas carências e excessos nas ações e emoções. Deste modo, o indivíduo só se torna virtuoso, através da educação dos seus hábitos que geralmente acontece desde sua infância, isto é, hábito de ações moderadas faz com que o homem atinja a excelência prática.

Além da felicidade ser compreendida como vida ativa, isto é, uma vida de virtudes, a felicidade é concedida como bem-estar que ultrapassa a condição verdadeiramente física do ser humano. Este bem-estar, está em consonância com o modo de vida do homem.

Aristóteles afirma, que o indivíduo é naturalmente um ser político e precisa do outro para atingir a vida autossuficiente (feliz). Deste modo, o filósofo de Estagira sustenta que dentre as várias formas de amizade existem três consideradas amáveis: a primeira é amizade por utilidade, que dura enquanto existe utilidade; amizade por prazer, marcada pelo sentimento de prazer que o outro causa; por última a amizade

ideal e perfeita, que acontece geralmente entre duas pessoas e que tem a virtude como base. Neste tipo de amizade ama-se o amigo na sua totalidade. Porém, não é algo que surgiu rápido, é preciso conviver com outro, isto é, dedicar tempo de sua vida para o seu amigo.

Na concepção de Aristóteles, é ideal que se tenha poucos amigos, pois não é possível participar atuante na vida de muitos. Assim, só é possível ser amigo de muitos na pólis, mas em uma amizade do tipo social. Portanto, nas relações interpessoais e no âmbito da política, é de fundamental importância que amizade seja baseada na virtude, pois contribuem para que o homem tenha harmonia com a pólis. Deste modo, percebemos que a busca pela felicidade, é algo que se realiza nas conjunturas das relações sociais que permite a partilha.

Desta maneira, percebemos que para Aristóteles, amizade desempenha um papel importante na trajetória do indivíduo em relação a felicidade; pois o homem vive em comunidade e por isso suas ações impactam não apenas a si próprio. Destarte, é na Pólis e na convivência com o outro que as ações são realizadas. E o indivíduo ao agir de forma virtuosa vivencia a felicidade, ou seja, é na relação harmoniosa do indivíduo com a cidade, que surge a possibilidade do bem viver desenvolver a virtude entre os cidadãos para alcançar o bem comum, a saber, a eudaimonia.

Com o estudo das concepções de Aristóteles da *eudaimonia*, não tivemos a intenção aqui de impor um modo para o qual, o indivíduo deva buscar sua felicidade. Mas, procuramos buscar uma compreensão de juízo da felicidade à diverso dos nossos dias vigentes.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES (384-322 a.C), **Ética a Nicômaco**. Tradução, textos adicionais e notas: Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 3 ed, 1, reimp, 2013.

_____, **A Política**. 2 ed. Trad. Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Edipro, 2009.

ABBAGNO, Nicola, **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1º edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Boosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KRAUT, R. **A ética a Nicômaco**. Tradução de Alfredo Storck. Porto Alegre: Artmed, 2009.

NODARI, P. C. A Ética Aristotélica. In: **Síntese Nova Fase**: Belo Horizonte, v. 24, n.78, p.383-410, 1997.

PICHLER, N. A. As três formas de Amizade na Ética de Aristóteles. In: **Ágora Filosófica**, ano 4, n.2, P. 193-207, 2004.

REALE, G. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 1994. (Série história da filosofia).

SPINELLI, P. T. O que significa compreender a ética Nicomaqueia de Aristóteles, In: **Philosophos**, Goiânia, V.15, N.1, p. 147-167, 2010.

_____, A Objetividade na busca pelo bem supremo: Uma característica do bom Aluno da Ética Nicomaqueia. In: **Philosophos**, Goiânia, V.19, N.2, P.195-220, 2014.